

Espaço Colaborativo De Moda Sob A Ótica De Ambientes De Trabalho Contemporâneos

*Fashion Collaborative Space Through The Optics Of Contemporary Work
Environments*

Dassoler, Maria Julia de Lima; Serviço Nacional da Indústria/ Universidade do
Extremo Sul Catarinense, juh_Id@hotmail.com¹
Brunel, Felipe Kanarek; Mestre; Serviço Nacional da Indústria/Universidade do
Extremo Sul Catarinense, felipekanarek@gmail.com²

Resumo: Têm surgido meios para suprir a necessidade de trabalhar mais abertamente e modificando os padrões estabelecidos pelas indústrias, esses são espaços colaborativos. Nesse artigo buscou-se compreendê-los no contexto da moda buscando conceituar e exemplificar espaços que instiguem a construção, o aprendizado, a diversão e a colaboração entre profissionais da moda.

Palavras chave: Espaço Colaborativo; Moda; Cooperação.

Abstract: Means have emerged to support the need to work more openly and by modifying standards set by industries, these are collaborative spaces. In this article it was sought to understand them in the context of fashion, to conceptualize and exemplify spaces that instigate the construction, learning, fun and collaboration between fashion professionals.

Keywords: Collaborative Space; Fashion; Cooperation.

Introdução

No contexto atual, pode ser observado que novos espaços de trabalho têm surgido para suprirem a necessidade das pessoas de trabalhar de forma mais aberta, flexível e descontraída, fugindo dos padrões tradicionais de indústrias fechadas e verticalizadas. Dessa forma, este artigo busca apontar as características e funcionalidades de um espaço colaborativo voltado para a moda, visto que estes profissionais da economia criativa costumam ser inquietos. A indústria da moda, no entanto, mantém, em muitas vezes, a

¹ Graduada em Design de Moda pelo Serviço Nacional da Indústria – SENAI.

² Graduado em Artes Visuais pela Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC e mestre em Design pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS.

configuração empresarial de eras passadas. Somando a isso, a produção acelerada exige das empresas situações que podem ferir os direitos humanos e o bem-estar social para atingirem suas metas de fabricação. Um espaço colaborativo de moda pode se mostrar um lugar alternativo a este cenário.

Partindo disso, a pesquisa tem como objetivo principal caracterizar e desenvolver um conceito de espaço colaborativo específico para moda, através de pesquisas bibliográficas baseadas, principalmente, nas ideias de Sennett (2015) sobre cooperação. Vale ressaltar que esse artigo é parte de uma monografia teórico-aplicada de conclusão de curso de Tecnologia em Design de Moda, chamada “Trabalhando Juntos: Conceitos, Características e Formatações de um Espaço Colaborativo Voltado Para a Moda”, que possui característica exploratória e abordagem qualitativa. Frisa-se que, além de terem sido consultados autores acerca do assunto, foram elaboradas entrevistas e um *workshop* com profissionais de diversas áreas da moda, os quais, a partir dos seus pontos de vistas e experiências, colaboraram para desenvolver um conceito de espaço colaborativo de moda.

A partir da análise de dois exemplos de ambientes que seguem os preceitos da colaboração – Lona e Malha - e da aproximação entre *living lab*, *fab lab*, *coworking space* e oficina, é apontado um conceito inicial de espaço colaborativo de moda. Entretanto, para pensar nesse ambiente, é preciso relacionar o trabalho com a cooperação. Ou seja, compreender como eles funcionam e de que forma a colaboração poderá ser instigada.

Trabalhando juntos (ou separados)?

Para o estudo, foram observados dois espaços que possuem intenções colaborativas e que são voltados à moda no Brasil. Os espaços Lona e Malha são recentes, desenvolvidos entre os anos de 2016 e 2017. Por isso, foram usados somente os dados dispostos nos *websites* desses espaços, que apontam, principalmente, suas propostas.

O espaço Lona. Projetado na cidade de Florianópolis, foi pensada para profissionais de todas as áreas criativas. A Lona pretende ser um espaço que incentiva as conexões entre as pessoas e o compartilhamento de experiências. Além disso, tem o objetivo de ser equipada com um “ecossistema de criação de

moda” para fomentar iniciativas experimentais, cooperativas, artísticas e inovadoras. Ela pretende atingir profissionais empreendedores, produtores, fornecedores e consumidores das áreas da moda. Os objetivos traçados pela Lona são de promover um local onde há cooperação; que instiga novas ideias; reúna profissionais multidisciplinares; fazendo que com eles se conheçam e compartilhem ideias, trabalhos e pensamentos. (LONA CRIATIVA, 2017).

A Lona se diz um ecossistema de criação livre. Isto é, busca, além de disponibilizar uma estrutura física, oferecer ferramentas e formas dos profissionais conseguirem alcançar seus objetivos. É perceptível no projeto que a mesma possui diversas similaridades com (1) *living lab*, (2) *fab lab*, (3) *coworking space* e (4) oficina. Já que tem como objetivo (1) incubar projetos, os quais tem como foco de pesquisa o âmbito social, tornando o centro da mesma os usuários. Além disso, (2) possui um laboratório de fabricação, voltado para à prototipação, (3) dá acesso a áreas compartilhadas de trabalho e, por fim, (4) se propõe ser um ambiente criativo, que tem a intenção de trabalhar de forma horizontalizada, fomentando a criatividade e autonomia nos profissionais, do mesmo modo que oferece espaços e promove eventos para instigar o desenvolvimento de rituais específicos da Lona.

O espaço Malha. Com o projeto iniciado em 2016 na cidade do Rio de Janeiro, a Malha se propõe ser um espaço colaborativo de moda. Assim como a Lona, a Malha tem características vistas no (1) *fab lab*, (2) *coworking space*, (3) *living lab* e (4) oficina. Isso se deve ao fato de que possuem (1) lugares de fabricação, (2) salas de trabalho para serem alugadas e espaços compartilhados, (3) é um ambiente voltado para o usuário, que pensa no mesmo e tenta resolver problemas dele e, por fim, (4) é um lugar que incentiva a cooperação, a criação de rituais e que inspira o compartilhamento de ideias.

O público que a Malha diz pretender alcançar é bastante diversificado. No entanto, possuem algo que os conecta, a vontade de construir uma moda mais universal, colaborativa, ecológica (sustentável), justa e local. O objetivo dela é se unir a grandes marcas, bem como a entusiastas, profissionais da moda, empreendedores, blogueiros, *designers* e estilistas (MALHA, 2017).

Apesar da Lona e da Malha se dizerem espaços colaborativos de moda, é possível observar alguns aspectos que se diferenciam entre elas, fazendo com

que a dinâmica do ambiente mude totalmente. Isto é, a primeira busca relacionar-se com pequenos profissionais da área artística e cultural, que partilham dos mesmos ideais que a organização em rede e que estejam alinhados ao contexto da moda. Já a segunda procura estabelecer conexões com grandes nomes, empresas e empresários. Além de se dispor a ser um ambiente aberto, a Lona deseja receber pessoas que, juntas, formam meios de convivência e buscam resolver as situações em conjunto, de forma horizontal. Mais que isso, ela mostra-se ser um lugar favorável à troca de ideias e experiências, fomentando o desenvolvimento de rituais específicos que incentivam a cooperação, além de ser um espaço de trabalho que, aparentemente, não apresenta um sistema de hierarquia. Já a Malha, apesar de se dizer um ambiente aberto, busca atrair, principalmente, empresas para ocuparem seu espaço físico e parcerias com grandes empresas. Devido a isso, ela coloca em questão a veracidade dos seus ideais, já que, certas vezes, essas conexões vão contra a eles. Dessa forma, a cooperação pode não ser tão instigada, uma vez que, a partir do momento em que os usuários não se veem representados, eles deixam de acreditar e cooperar com aquele ecossistema.

Pode-se afirmar que, com o que foi apresentado, a Lona se propõe a ser um lugar muito mais aberto e acessível que a Malha. Além de ser bastante claro que a primeira mostra ser mais horizontal e encorajadora para um ecossistema colaborativo que a segunda. É por isso que a conceituação de espaço colaborativo dessa pesquisa busca se aproximar muito mais da Lona do que da Malha.

Espaço Colaborativo De Moda

Espaços como a Lona e a Malha demonstram que diversas organizações em rede, de âmbitos bastante diversificados, surgiram devido ao desejo de mudança nos meios de trabalho e das oportunidades e tecnologias atuais. Vale ressaltar que esses ambientes não exigem compromisso de permanência, permitindo que as pessoas façam parte dele enquanto for pertinente para seus interesses. Soma-se a isso as diversas transformações no âmbito industrial e a necessidade de buscar meios mais sustentáveis para a indústria da moda. Estes

espaços, demonstram ser lugares onde a cooperação entre pessoas é reforçada.

A cooperação é uma troca entre pessoas, na qual ambas conseguem obter benefícios mútuos (SENNETT, 2015). Pode-se, assim, fazer uma relação entre a colaboração e as necessidades individuais de cada um porque as pessoas cooperam quando não conseguem obter determinada coisa sozinhas. Dessa forma, é possível perceber que, para um ambiente colaborativo, é preciso que haja incentivo do meio para que as pessoas troquem entre si, seja informações ou materiais, facilitando o desejo de cooperar.

Sennett (2015) destaca três contextos principais onde ocorrem a cooperação: a oficina, a comunidade e a coalizão. No entanto, não são todos que podem ser associados ao espaço colaborativo. Isso se deve ao fato de que, na coalizão, as trocas são verticalizadas e egoístas, não ajudando a todos. Já a comunidade e a oficina possuem diversos pontos em comum com o espaço colaborativo, visto que a primeira instiga as associações através do convívio social e da informalidade e a segunda por meio das associações e desenvolvimentos de rituais. E, é devido a existência desses rituais que esses ambientes ajudam a cooperação a serem estabelecidas de forma orgânica, sendo modificados conforme os envolvidos achem necessário.

De acordo com Sennett (2015), ritual está relacionado com repetição, sendo esse o motivo para que determinado rito seja simples, acessível e significativo. Além disso, as manifestações precisam estar em constante adaptação, se transformando durante o processo de imitação.

A partir da compreensão de cooperação e dos aspectos que a incentivam ou a desestimulam, torna-se tangível relacionar essa troca com alguns espaços de trabalho contemporâneos, como o *living lab*, o *fab lab* e o *coworking space*. É possível correlacionar ao que já foi discutido para construir um conceito inicial de espaço colaborativo de moda.

O *living lab* e espaços colaborativos apresentam alguns pontos de convergência. Ambos são um local físico ou virtual, sendo um lugar de interação entre empresas, profissionais e pessoas diversas, colaborando em prol da criação e da prototipagem. São espaços que estimulam a “co-criação”, fazendo com que as pessoas se unam e trabalhem juntas em busca de atingirem um objetivo. Todavia, alguns tipos de associações sugeridas pelos *living labs* não

são vistos no espaço colaborativo, tais a Lona e a Malha, como a relação com os órgãos públicos. (SILVA; BITENCOURT, 2015).

O *fab lab* é um laboratório de fabricação, aproximando-se dos espaços colaborativos, principalmente, por ser um local físico, equipado com ferramentas (impressora 3D, máquina de corte a laser, etc.), possibilitando que seus usuários façam prototipagem e testem suas ideias. Sendo esse um fator importante, visto que facilita a inovação. Os *fab labs* são ambientes para diversão, criação, aprendizado, compartilhamento e colaboração, de forma gratuita e aberta ao público (FAB FOUNDATION, 2017). Contudo, ao contrário do que é proposto para um espaço colaborativo, a gestão do lugar torna o laboratório um local não horizontal. Isso porque são estabelecidas regras que diminuem a autonomia para as pessoas que frequentam, além dele ser estabelecido de uma forma pré-determinada, sem deixar que a ocupação seja feita da forma com que os usuários acreditem serem melhor. Dessa forma, há uma diminuição no estímulo do desenvolvimento de rituais.

Já a relação entre *coworking space* e espaço colaborativo é feita de uma forma mais periférica. Isso se deve ao fato de que as semelhanças são apenas em alguns aspectos, mesmo que muitos confundam os dois. Apesar de ambos os espaços focarem no trabalho compartilhado, o primeiro preza pela individualidade de cada um, fazendo com que o ambiente seja voltado para profissionais *freelancer* e que buscam por uma sala ou mesa para seu serviço (GANDINI, 2017). Contudo, mesmo que o espaço colaborativo tenha salas, escritórios, mesas e internet, ele funciona com uma dinâmica diferente, inspirando os trabalhadores a trocar ideia uns com os outros, trabalhando de forma mais aberta e colaborativa. Além disso, o *coworking space* é bastante vertical na gestão do espaço e não dá autonomia para os seus usuários.

A organização que mais converge com o conceito de espaço colaborativo proposto aqui é a oficina, ambiente esclarecido por Sennett (2015). O autor relata que a oficina surgiu para reintegrar e profissionalizar os escravos norte americanos para voltarem à sociedade. O objetivo dela era formar uma cadeia de conhecimento, a qual cada indivíduo repassaria seu aprendizado para seu círculo social. A partir disso, é possível compreender a similaridade entre as duas organizações, já que o espaço colaborativo visa desenvolver uma grande rede

de conhecimento compartilhado, facilitando o acesso de informação, equipamento, espaço e contato profissional entre todos os participantes. Sendo assim, esses dois lugares unem a lealdade – entre as conexões e o ambiente – com os benefícios mútuos.

Uma das relações mais importantes feitas entre oficina e espaço colaborativo é que ambos se propõem ser horizontais, interdisciplinares, com pensamentos diversos, acessíveis, receptivos para experimentação e transformações. Mais que isso, a configuração do ambiente facilita o trabalho dos usuários, adaptando-se conforme a necessidade deles, instigando a comunicação e o desenvolvimento de suas tarefas. Devido a isso, esses lugares inspiram a criação de movimentos, sinais, organizações, caracterizando rituais particulares de cada espaço, ajudando os profissionais a relacionarem-se e colaborarem entre si.

Um espaço colaborativo pode, em diversos aspectos, ser igualado a uma oficina. Contudo, é preciso esclarecer que ele carrega características dos outros três ambientes mencionados anteriormente. De certa forma, pode-se dizer que o espaço colaborativo é um formato, atual e renovado, da oficina explanada por Sennett (2015).

Considerações Finais

Em vista de tudo que foi apresentado, é possível definir um espaço colaborativo de moda como um ambiente físico e/ou virtual que, por não isolar os profissionais em salas fechadas, incentiva o contato, a troca de experiências e afetos uns com os outros. Mas, mais que um local de trabalho, ele é um ambiente para trocar informações e conhecimentos. Dessa forma, a configuração dele é feita de maneira que facilite o trabalho e a comunicação entre as pessoas. No entanto, o local precisa oferecer oportunidades de adaptação da configuração, facilitando as conexões e a realização das tarefas dos usuários. Assim como o espaço físico, os rituais devem estar em constante mudança, representando a flexibilidade e horizontalidade do lugar, para que, assim, represente a todos.

Mais que um local que visa criar uma grande rede de conhecimento

compartilhado, o espaço colaborativo permite, através de um local horizontal e interdisciplinar, maior acesso às informações, equipamentos e contatos profissionais. Além de instigar a experimentação e a formação de conexões, proporcionando a todos testarem suas ideias e/ou projetos, prototipar produtos e confeccioná-los.

Mais do que a configuração desse espaço colaborativo de moda, o que realmente persiste é o fato dele ser um ambiente para construir, aprender, divertir, compartilhar e colaborar, abordando uma postura horizontal, aberta e representativa para os que estão ali presentes.

A análise da Lona e da Malha tiveram a finalidade de perceber como um local de trabalho, que foge dos padrões tradicionais, funciona. Dessa forma, percebeu-se que, mesmo em espaços colaborativos, há a possibilidade de eles não estimularem tanto a colaboração, por tornarem-se corporativos e fazerem coalizões com empresas que não representam aquilo que os usuários buscam.

É preciso ressaltar que, para cogitar um espaço colaborativo de moda, deve-se pensar em um ambiente horizontal e interdisciplinar, onde há pensamentos que se contrapõem, porém, que se compõem. Sendo esse o motivo do local instigar a colaboração de forma aberta, acessível e transformadora. Por ser um espaço voltado para a moda, é imprescindível que o mesmo disponibilize ferramentas e estruturas próprias da área, estimule a criatividade, incentive a comunicação e a troca entre os profissionais, formando uma grande rede de conhecimento criativo compartilhado.

Referências

BRUNEL, Felipe Kanarek; "ORGANIZAÇÕES EM REDE, ECOSISTEMAS CRIATIVOS E DESIGN ESTRATÉGICO PARA PRODUZIR INOVAÇÃO", p. 1671-1682 . In: **Anais do 12º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design [= Blucher Design Proceedings, v. 9, n. 2]**. São Paulo: Blucher, 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/8llrya>>. Acesso em: 05 maio 2017.

FAB FOUNDATION. **Fab Lab Network**. Disponível em: <<https://goo.gl/eeVJbt>>. Acesso em: 21 mar. 2017

LONA CRIATIVA. **Sobre**. 2017. Disponível em: <<http://www.lonacriativa.com/>>. Acesso em: 10 maio 2017.

GANDINI, Alessandro. **The rise of coworking spaces: A literature review**.

Disponível em: <<https://goo.gl/mV1gmf>>. Acesso em: 31 mar. 2017.

MALHA. **Faça parte.** 2017. Disponível em: <<http://www.malha.cc/vem/>>. Acesso em: 12 maio 2017.

SENNETT, Richard. **Juntos:** Os rituais, os prazeres e a política da cooperação. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015. Tradução: Clóvis Marques.

SILVA, Silvio Bitencourt da; BITENCOURT, Claudia Cristina. LIVING LABS: RUMO A UM QUADRO CONCEITUAL. In: CONGRESSO LATINO-IBEROAMERICANO DE GESTÃO DE TECNOLOGIA – ALTEC, 16., 2015, Porto Alegre. **Conference Paper.** Porto Alegre: Altec, 2015. p. 1 - 18. Disponível em: <<https://goo.gl/By87Hd>>. Acesso em: 23 mar. 2017.



APOIO



REALIZAÇÃO

